UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

Travessias: Mulheres migrantes nos bairros periféricos Bonsucesso e Novo Wenzel em Rio Claro, SP

Luiza Teixeira Bussius

Profª. Drª. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

Rio Claro (SP)

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

LUIZA TEIXEIRA BUSSIUS

TRAVESSIAS: MULHERES MIGRANTES NOS BAIRROS PERIFÉRICOS BONSUCESSO E NOVO WENZEL EM RIO CLARO, SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

RIO CLARO, SP

2011

325.181 Bussius, Luiza
B981t Travessias: mulheres migrantes nos bairros periféricos Bonsucesso e Novo Wenzel em Rio Claro, SP / Luiza Bussius. - Rio Claro : [s.n.], 2011
58 f. : il., figs., gráfs., tabs., fots., mapas

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

1. Brasil – Migração. 2. Características socioeconômicas 3. Estudo geográfico. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

LUIZA TEIXEIRA BUSSIUS

TRAVESSIAS: MULHERES MIGRANTES NOS BAIRROS PERIFÉRICOS BONSUCESSO E NOVO WENZEL EM RIO CLARO, SP

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

_____ (orientador)

_____

_____

Rio Claro, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

DEDICATÓRIA

Às corajosas mulheres migrantes dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel em Rio Claro, SP.

AGRADECIMENTOS

Acredito que somos um e somos mil. Somos espelhos do outro e de nós mesmos. Eu não existiria se não fossem os outros, os eus, os nós. Neste sentido, ficam os meus sinceros agradecimentos aos sujeitos incríveis que compõem minha existência, minha formação, minhas experiências e perspectivas.

À orientação da Professora Darlene. Objetiva e comprometida com seu trabalho.

Ao núcleo forte e coeso: minha família. Por estruturarem minha formação como sujeito inquieto, crítico, reflexivo, sensível, e por que não rebelde?

Ao pai, pela herança sarcástica e confiança plena. “Follow your heart”. À querida mãe, formidável educadora e acima de tudo humana e bela. À Jubilu, irmã tão sábia com as palavras e os livros, obrigada pela ajuda com a língua estrangeira. Ao Pili, irmão camarada, parceiro de aventuras e vida universitária. Ao Dani pelas recordações do período adolescente, orgulho da família, com sua inteligência cartesiana. Espero que desfrute da universidade pública assim como nós!

Às minhas origens, marcada pela migração: baianos e alemães. Família Teixeira Bussius de maneira geral, com especial carinho para Tia Gela, atenciosa com relação aos meus anseios acadêmicos.

À Diu, Jony e Eleide, pelo cuidado e carinho que sempre tiveram comigo.

Ao querido Fábio. Companheiro de inúmeras experiências. De diálogos. De amores. De ideologias. De novos padrões. De liberdades. Maior exemplo de academia. Muitíssimo obrigada pela força! Não sei o que seria desse TCC sem sua colaboração.

À vida em república. Construção de coletividade e outras formas de se viver. Mulheres biólogas incríveis que tive o prazer de compartilhar refeições, contas, teto, tristezas, alegrias, plantas, trabalhos, reflexões, tecnologias alternativas e principalmente as conversas intermináveis pós-almoço. Milena, Chavero, Sara, Aline e Tamie. E os companheiros Luz e Rudá!

Obrigada especial para Aline, com suas orientações e incentivos. Ainda bem que nos encontramos neste fim de graduação! Espero ainda migrarmos muito por este Planeta Terra. E

claro, à pequena e forte Tamie. Nossas conversas no jardim foram essenciais para desocultar o mundo e avistar novos horizontes. Valeu meninas! Muito boa nossa morada e nossa camaradagem.

Aos agregados de república. Michel, pela ajuda com quesitos técnicos e cartográficos e a querida Elise, cheia de energia positiva! Nossa amizade é muito bão!

Aos amigos do tão querido PEJA, verdadeira extensão, me possibilitou ver que a Geografia é linda e precisa ser difundida. Amigo Close, ouvinte fiel e parceiro de inúmeros rolês (Cine Close!!!!!), Flávia, Pati, Fi, Maria, Dona Clemência, Márcia, Dona Maria e a tão sábia Maria Rosa. Obrigada por tudo! Vamos em frente, transformar o mundo do EJA!

Aos amigos geógrafos especiais: Jeca, que sempre me incentivou no estudo da ciência do espaço. Nossa parceria ao longo da graduação é incalculável! Renato, pelas conversas eternas e Lôla pelo carinho aconchegante.

Às amigas paulistanas, parcerias de longas datas: Lana e Helena.

Aos amigos bastante diversos: Pri, Careca, Salms, Grilo, Jah, Mi, Tati, Mô, Zeca, Nati, Pica, Lia, Maria e Tapi.

À Biblioteca de Rio Claro, especialmente Cristina, que com muita parcimônia colaborou com as padronizações bibliográficas.

À equipe da Seção Técnica de Graduação, sempre muito prestativos e atenciosos.

Às mulheres migrantes entrevistadas dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel, que com muita paciência e humildade conversaram sobre suas vidas comigo.

E a todos aqueles que não foram citados, mas integram minha vida na cidade azul.

Muito Obrigada!





A novidade
Que tem no Brejo da Cruz
É a criançada
Se alimentar de luz
Alucinados
Meninos ficando azuis
E desencarnando
Lá no Brejo da Cruz
Eletrizados
Cruzam os céus do Brasil
Na rodoviária
Assumem formas mil
Uns vendem fumo
Tem uns que viram Jesus
Muito sanfoneiro
Cego tocando blues
Uns têm saudade
E dançam maracatus
Uns atiram pedra
Outros passeiam nus
Mas há milhões desses seres
Que se disfarçam tão bem
Que ninguém pergunta
De onde essa gente vem
São jardineiros
Guardas-noturnos, casais
São passageiros
Bombeiros e babás
Já nem se lembram
Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam luz
São faxineiros
Balançam nas construções
São bilheteiras
Baleiros e garçons
Já nem se lembram
Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam luz

Brejo Da Cruz – Chico Buarque

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

João Guimarães Rosa, 1986, p. 52.

RESUMO EM PORTUGUÊS

O presente estudo busca uma maior compreensão do contexto de migração em que estão inseridas mulheres residentes dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel, Rio Claro – SP e se esta migração possibilita uma maior inserção na oferta de serviços básicos, como moradia, educação, saúde e lazer. Para tal, buscou-se aprofundar o estudo geográfico sobre migrações internas em Rio Claro-SP, investigando as razões que levaram as mulheres a migrar, realizando um mapeamento das regiões de origem dessas mulheres e analisando as principais características socioeconômicas das informantes, para compreender quais das relações históricas que desencadeiam a migração (geral no Brasil) se "aplicam" ao contexto das mulheres nestes bairros. Os dados foram obtidos através de entrevistas semi-estruturadas e consulta a bancos de dados.

Palavras chaves: migração, mulheres, bairros periféricos.

ABSTRACT

The aim of this study is to have a better understanding on the context of migration of the women that live in the neighborhoods of Bonsucesso and Novo Wenzel in the city of Rio Claro, state of São Paulo, and if this migration allows them to enjoy basic services, such as housing, education, health and leisure. In order to achieve that, this research has tried to deepen the geographical studies on internal migrations in Rio Claro, investigating the reasons that led these women to migrate, tracing a map of the regions where they come from originally and analyzing the main characteristics of the interviewed, as to comprehend which are the historical relations that have influenced the migration (in Brazil, in general) that may apply to the context of the women living in these specific neighborhoods. The data were obtained through semi-structured interviews and research in different data banks.

Word Keys: migration, women, neighborhoods.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O município de Rio Claro no estado de São Paulo, na região sudeste do Brasil. 11

Figura 2 - Imagem de satélite da zona urbana de Rio Claro, SP. 13

Figura 3 - Bairros Bonsucesso e Novo Wenzel. 13

Figura 4 - Vista dos bairros em questão. 14

Figura 5 - Vista do bairro Bonsucesso. 14

Figura 6 - Taxas anuais de migração das regiões administrativas do Estado de São Paulo no período de 1980/2000. 20

Figura 7 - Municípios de origem das entrevistadas 23

Figura 8 - Unidades Federadas de origem 24

Figura 9 - Origem das mulheres migrantes 25

Figura 10 - Ocupações citadas desenvolvidas no local de origem 25

Figura 11 - Infraestrutura básica no local de origem. 26

Figura 12 - Faixa etária das entrevistadas 28

Figura 13 - Faixa etária em que as mulheres migraram. 28

Figura 14 - Nível de escolaridade 29

Figura 15 - Aspectos da migração. 31

Figura 16 - Presença de família no espaço atual 33

Figura 17 - Motivos apresentados pelas entrevistadas referentes à ida para os bairros. 34

Figura 18 - Tempo em que mora nos bairros e presença de casa própria. 34

Figura 19 - Ocupação das entrevistadas 36

Figura 20 - Opinião sobre a vida pós migração 37

Figura 21 - Opinião sobre o acesso a saúde e educação 38

Figura 22 - Avaliação do sistema público de saúde da cidade de Rio Claro, SP. 38

Figura 23 - Avaliação do posto de saúde que atende os bairros em que residem. 39

Figura 24 - Avaliação frente à educação pública de Rio Claro, SP 40

Figura 25 - Possibilidade de retorno aos locais de origem e visita a terra de origem 40

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO** 7

1.2. **Metodologia** 8

2. **MIGRAR: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO** 15

2.1**. As transformações do espaço rural brasileiro** 17

2.2. **As desigualdades regionais e a migração** 19

3. **O GÊNERO FEMININO NO PROCESSO MIGRATÓRIO** 22

3.1. **A origem** 22

3.1.1. Ocupação 24

3.1.2. Faixa etária 27

3.1.3. Escolaridade 29

3.2. **Travessias: o processo de migração para Rio Claro** 30

3.2.1. Caracterização da migração para os bairros 32

3.3. **A situação atual delas** 35

3.3.1. Ocupação 35

3.3.2. Avaliação da migração pelas entrevistadas 36

3.3.3. Perspectivas 40

4. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 42

REFERÊNCIAS 44

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 47

ANEXOS 49

1. INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho surgiu a partir da experiência de lecionar aulas no projeto de extensão PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos), no qual participei por três anos.

> [...] O PEJA/UNESP vem ganhando terreno pela dedicação e compromisso com que tem sido desenvolvido, pela paixão que seduz quem nele se integra e pelo envolvimento crescente que gera desdobramentos a serem considerados quando o tema em pauta é formação. Formação humana, política e acadêmica. (ZANATA e CAMARGO, 2009, p. 12).

O PEJA é um projeto de extensão da UNESP, presente em diversos campus, sendo eles: Marília, São José do Rio Preto, Araraquara, Rio Claro, Bauru, Assis e Presidente Prudente. O PEJA Rio Claro ocorre no espaço da universidade e também no bairro de periferia Bonsucesso, local onde esta pesquisa foi realizada. Esse projeto foi

> proposto no ano de 2000 pela Pró-Reitoria de Extensão da UNESP, aos docentes convidados para discuti-lo, coube a elaboração de um projeto de extensão, institucional, que redundasse em efetiva contribuição da universidade, em sua missão social e política, ao campo da educação de pessoas jovens e adultas. (ZANATA e CAMARGO, 2009, p. 12).

As práticas de ensino propostas pelo PEJA valorizam e pautam-se nos contextos de vida de cada aluno. Entendendo contextos de vida como aspectos sócio-econômicos, culturais e subjetivos. Em nossa prática, acreditamos que o significado atribuído a conceitos formais presentes na escolarização, quando próximos das histórias de vida de cada participante, permitem uma produção mais efetiva de sentido dos assuntos trabalhados (FREIRE, 1996). Uma

> [...] compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 2003, p. 11)

Nessas práticas de aula, percebi uma predominância de alunas oriundas de outras regiões do país, portanto, migrantes. E tal característica, por ter grande expressividade, marcou o decorrer das aulas, tendo como desdobramentos inúmeras questões acerca do fenômeno migração, tão frequente nas periferias das cidades paulistas.

Por que as populações deslocam-se pelo território? Por que as desigualdades entre regiões econômicas no país? Quais espaços os migrantes ocupam nas cidades? Estas e outras questões instigaram esta pesquisa.

Neste sentido, surgiu a hipótese deste estudo: **a migração para regiões com maiores índices de desenvolvimento econômico representa uma melhoria de acesso a bens e serviços públicos.** A partir desta hipótese estruturou-se o trabalho apresentado.

Objetivo Geral:

Compreender as razões culturais, sociais e econômicas pelas quais as mulheres migrantes entrevistadas de dois bairros na periferia de Rio Claro, SP estão fora do seu território de origem.

Objetivos específicos:

- aprofundar o estudo geográfico sobre migração em Rio Claro-SP;
- investigar as razões que levaram as mulheres a migrarem;
- mapear suas regiões de origem;
- analisar suas principais características socioeconômicas;
- compreender quais das relações históricas que desencadeiam a migração (geral no Brasil) são identificadas nas entrevistas.

A partir destes objetivos o trabalho estruturou-se em dois capítulos e conclusão. O primeiro é uma discussão teórica sobre o fenômeno de migração, consequência da industrialização no território brasileiro, o segundo uma apresentação e análise dos dados obtidos ao longo das entrevistas realizadas, e finalizando algumas reflexões sobre a pesquisa elaborada e o novo entendimento do processo migratório em dois bairros da cidade de Rio Claro, SP.

1.2. Metodologia

A coleta de dados deste trabalho reuniu dados primários, coletados a partir de entrevistas e pelo processo de observação participante, juntamente com o levantamento de dados secundários, pesquisados a partir de bibliografias e banco de dados, como o SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados) e o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas).

A observação participante ocorreu ao longo das aulas do PEJA, nos trajetos para o bairros e ao longo das entrevistas realizadas.

As entrevistas foram semi-estruturadas, se desenvolvendo a partir de um questionário elaborado previamente (ANEXO 1), mas não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador fizesse as necessárias adaptações (LUDKE, 1986). Foram entrevistadas mulheres adultas migrantes nos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel em Rio Claro, SP.

A amostragem foi baseada no método "bola de neve" (BAILLEY, 1982) na qual inicia-se a pesquisa com um primeiro entrevistado inserido no contexto social da pesquisa e em seguida este entrevistado sugere um outro sujeito que também esteja inserido no mesmo contexto e assim sucessivamente, estabelecendo uma rede. A amostragem pretendia ser de 30 mulheres migrantes, moradoras dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel, mas foi reduzida para 17, tendo em vista a dificuldade em localizar as mulheres.

A dificuldade em entrevista-las foi decorrente da falta de disponibilidade por motivos diversos (como afazeres domésticos, filhos, etc) e dificuldade de acesso ao bairro, situada na zona periférica da cidade, pois os deslocamentos se davam apenas uma vez por semana.

As entrevistas foram realizadas nos meses de abril e maio de 2011, mas cabe salientar que a pesquisadora visita os bairros desde o ano de 2007, atuando como educadora no PEJA e auxiliando outro projeto de extensão da UNESP – Rio Claro, o EPA, que desenvolve atividades com crianças moradoras nesses bairros.

Neste período as primeiras entrevistadas foram as alunas do PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos – UNESP, Rio Claro), que já tinham um contato prévio com a pesquisadora nas aulas desenvolvidas no bairro Bonsucesso, ampliando para outras mulheres residentes nos mesmos bairros.

A maior parte das entrevistas foram realizadas no espaço pertencente à Igreja Luterana conhecido como "barracão", onde mulheres encontram-se para costurar e receber doações arrecadadas pela Igreja. Foi conversado com as responsáveis sobre a possibilidade de serem realizadas entrevistas nesse local, considerando que a grande maioria das mulheres que ali frequentam são migrantes. Assim, as entrevistas desenrolaram-se entre as costuras desse ambiente.

Foram selecionados alguns dados quantitativos sobre o fenômeno migração em banco de dados, como o IBGE e o SEADE, mas a disponibilidade de informações mais atualizadas das categorias migração e deslocamento do CENSO, 2010 ainda não estão disponíveis. E os CENSOS são realizados apenas a cada 10 anos. Por este motivo, foram utilizados dados mais antigos, de publicações do ano de 2001, relacionadas ao CENSO, 2000.

A pesquisa enquadra-se numa abordagem qualitativa, pois parte do pressuposto (BOGDAN e BIKLEN, 1982) que a pesquisa envolverá dados descritivos, obtidos no contato

direto do pesquisador com a situação estudada, dando ênfase ao processo e menos no produto, se preocupando em retratar (identificar) a perspectiva dos participantes envolvidos (LUDKE, 1986). Por isso os dados serão analisados qualitativamente com estatísticas descritivas.

Esta pesquisa pode ser pensada como um estudo de caso, pois segundo Goode & Hatt (1986) se constitui numa unidade dentro de um sistema mais amplo. Os dois bairros de periferia estão inseridos na cidade de Rio Claro, que assim como outros bairros de periferia, apresentam carências diversas, comuns a maior parte das cidades brasileiras, mas que contêm e estão contidos numa lógica maior marcada por uma sociedade desigual.

Os estudos de caso revelam uma situação específica que somado a outros indicadores darão a ideia de um território mais amplo. Por essa razão se faz necessário uma interpretação de um contexto maior para entender o específico.

O específico aqui é a migração de algumas mulheres nos bairros periféricos Bonsucesso e Novo Wenzel e no contexto maior, as migrações historicamente condicionadas da América Latina, analisadas por Paul Singer.

Os dados obtidos ao longo deste trabalho foram tabulados, para organizá-los e possibilitar uma ampla visualização. Em seguida, foram analisados a partir de gráficos, tabelas e discussões teóricas, colhidas na pesquisa bibliográfica.

Área de estudo:

O município de Rio Claro está situado no interior do estado de São Paulo, na zona administrativa de Campinas (Figura 1). Sua economia é fortemente pautada na indústria, resultado do crescimento econômico, consequência do processo de industrialização da cidade de São Paulo, atrelado às grandes plantações de café.

Atualmente a monocultura é predominante, com a presença de grandes usinas de açúcar e latifúndios de plantio de cana-de açúcar. A região é a segunda maior economia do estado de São Paulo, com alto índice de urbanização e indústrias. Estas características de concentração de riquezas geram mais ofertas de serviços e empregos, funcionando como fatores de atração de populações, que buscam por melhores condições de trabalho.

Segundo o IBGE cidades, a população de Rio Claro em 2010 somava 186.253 pessoas.

Figura 1 - O município de Rio Claro no estado de São Paulo, na região sudeste do Brasil.



Fonte: Rio Claro no Mapa. Disponível em: <http://vereadores.wikia.com/wiki/Rio_Claro . Acesso em 13 out 2011. Modificado pelo autor

Os bairros periféricos:

Os bairros Bonsucesso e Novo Wenzel situam-se nas margens do rio Corumbataí (Figura 2 e 3), próximos a rodovia Washington Luís, na periferia da cidade de Rio Claro, SP. Segundo o Centro de Referência da Assistência Social CRAS (Bonsucesso\Novo Wenzel), o bairro apresenta uma população residente constituída por famílias vindas do norte de Minas Gerais, Ceará, Paraíba, Bahia e Grande São Paulo e tem uma considerável população flutuante.

Os serviços ligados ao equipamento urbano básico proveniente dos órgãos públicos são compostos por duas escolas municipais de pré-escola a 4ª série do Ensino Fundamental e Ensino de Jovens e Adultos (EJA), um Posto de Saúde, e um projeto de assistência à infância (PAI), que atende crianças e adolescentes em parceria com a Secretaria de Ação Social.

A infraestrutura urbana do bairro é precária, assim como o acesso ao centro da cidade, onde estão localizados os serviços básicos urbanos, como agências bancárias, correios, hospitais, etc. Os esgotos não estão bem canalizados, não existe arborização, as áreas de lazer não atendem a demanda da população (PASTOR, 2009).

De acordo com o CRAS (Centro de Referência e Assistência Social) predomina o trabalho informal, como doméstica, diarista, pedreiro e assistente de pedreiro. Algumas pequenas e médias empresas e o estabelecimento de áreas industriais nas periferias de Rio Claro têm empregado um número significativo de moradores dessa região (PASTOR, 2009, p.17).

Os problemas das famílias e pessoas residentes no bairro mais recorrentes levantados pelo CRAS são o alcoolismo, uso e tráfico de drogas, inicio da vida sexual precoce, violência doméstica, solidão em idosos, falta de perspectiva de vida nos adolescentes e adultos, união instável que gera enfraquecimento familiar e social, mulheres arrimo de família, problemas familiares, envolvimento na criminalidade, fragilidade de vínculos de afetividade (PASTOR, 2009, p.17).

Figura 2 - Imagem de satélite da zona urbana de Rio Claro, SP.



Fonte: Google Earth, disponível em: <http://www.googleearth.com.br> Acesso em 19/08/2011. Modificado pelo autor.

Figura 3 - Bairros Bonsucesso e Novo Wenzel.



Fonte: Google Earth, disponível em: < http://www.googleearth.com.br. Acesso em 19/08/2011. Modificado pelo autor.

Figura 4 - Vista dos bairros em questão.



Fonte: Luiza Bussius, 2011.

Figura 5 - Vista do bairro Bonsucesso.



Fonte: Luiza Bussius, 2011.

2. MIGRAR: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

As populações deslocam-se desde que o homem é homem. Partem ou chegam em busca de alimentos, climas mais amenos, solos mais férteis. Partem em busca do eu. De novas perspectivas, de mudanças. Partem, chegam, percorrem trajetos em busca de trabalho. Trabalho para viver. Travessia...

> O homem é uma criatura móvel, capaz de investigar, suscetível à sugestão e dotada de imaginação e iniciativa. Isso explica a razão pela qual, tendo concebido a ideia de que suas necessidades podem ser satisfeitas algures, decide não só ir a esse lugar como, também, sobre os meios porque seu projeto pode ser realizado. (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 191).

Fluxos populacionais desenham o território brasileiro, caminhando pelas fronteiras do espaço geográfico. Observa-se a grande tendência de populações que se deslocam do rural para o urbano, de cidades para regiões, de regiões para estados, de estados para estados. De modos de produção tradicionais para modos de produção industriais, etc. Percorrer estradas foi, é, e provavelmente será trajeto de populações na história do homem.

> As migrações costumam figurar como o lado visível de fenômenos invisíveis. Aparecem muitas vezes como a superfície agitada de correntes subterrâneas. Verdadeiros termômetros que, ao mesmo tempo, revelam e escondem transformações ocultas. Os grandes deslocamentos humanos, via de regra, procedem ou seguem mudanças profundas, seja do ponto de vista econômico e político, seja em termos sociais e culturais. Os maremotos históricos provocam ondas bravias que deslocam em massa populações e povos inteiros. Numa palavra, a mobilidade humana é em geral um sintoma de grandes transições. Quando ela se intensifica, algo ocorreu ou está para ocorrer, ou melhor, algo está ocorrendo nos bastidores da história. (GONÇALVES, 2001 p. 173)

O *migrar* compreendido como a mudança de país ou região; é segundo Aurélio (2004) o deslocamento/movimento de populações pelos espaços terrestres, e tentam ser classificados, apesar de sua diversidade e complexidade, podendo ser definidos numa divisão simples dos tipos de mobilidade sendo: “[...] a migração de grandes distâncias ou internacional, ou segundo os movimentos em escala menor dentro dos países individualmente considerados

[...]", como trata este estudo, "[...] e em terceiro, as migrações oscilatórias que abrangem todos os movimentos nos quais o migrante não abandona o lugar de residência, a ele retornando periodicamente". (BEAUJEAU-GARNIER, 1980, p.192).

Paul Singer (2002) formula a hipótese da existência de tipos historicamente definidos de migrações, condicionadas pelo processo de industrialização em países da América Latina. Para Singer, as migrações internas de uma nação são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas.

Os movimentos migratórios no Brasil, no século XX, representam indicadores das transformações sócio-econômicas, derivados do processo de industrialização (urbanização) que ocorreu no desenvolvimento do capitalismo no país (SINGER, 2002; PACHECO, PATARRA, 1998).

O processo de industrialização num sítio urbano, tende a atrair populações de áreas do entorno, elevando o crescimento demográfico e tornando a cidade um mercado cada vez mais relevante para bens e serviços de consumo. A variedade de novos serviços passa a ser expressiva, pois estas atividades produtivas desfrutam de vantagens quando se localizam junto ao mercado de seus produtos (SINGER, 2002; PACHECO, PATARRA, 1998).

A cidade torna-se o lugar onde todas as atividades serão realizadas, pois os serviços têm de ser executados junto aos usuários. Dentre os diversos serviços da cidade é importante salientar a transferência de atividades que antes eram realizadas no campo, para as cidades, motivada em grande parte por uma exigência técnica da produção industrial, como é o caso da aglomeração espacial das atividades, que pode ser evidenciada na urbanização, e no crescimento das escalas de produção (SINGER, 2002; PACHECO, PATARRA, 1998).

> [...] a urbanização é o nexo da articulação do Brasil à economia-mundo como semiperiferia. Os núcleos urbanos são a sede das novas instituições e da circulação de bens, capital e informações e são também o lugar onde a força de trabalho, expulsa pela modernização agrícola, reside, circula e é ressocializada, ingressando na modernidade da pobreza.(BECKER, EGLER, 1992, p. 170)

Numa concepção econômica do arranjo produtivo urbano é possível realizar uma primeira análise sobre as migrações internas, mas cabe compreender o contexto e as condições sócio-econômicas do espaço rural na história do Brasil para tecer mais relações sobre os fluxos populacionais.

É necessário traçar um olhar para este tipo de análise. No caso, trago a perspectiva do espaço geográfico. Mais especificamente, das transformações de base técnica do território. Ou

seja, de que forma as transformações ocorridas a partir da expansão capitalista acarretam intensas mudanças na divisão social do trabalho e no espaço, repercutindo em fenômenos como a migração (SILVA, 1980; OLIVEIRA, 1986; MARTINE, GARCIA, 1987).

2.1. As transformações do espaço rural brasileiro

Funeral de um Lavrador

Esta cova em que estás com palmos medida
É a conta menor que tiraste em vida
É a conta menor que tiraste em vida
É de bom tamanho nem largo nem fundo
É a parte que te cabe deste latifúndio
É a parte que te cabe deste latifúndio
Não é cova grande, é cova medida
É a terra que querias ver dividida
É a terra que querias ver dividida
É uma cova grande pra teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
estarás mais ancho que estavas no mundo
É uma cova grande pra teu defunto parco
Porém mais que no mundo te sentirás largo
Porém mais que no mundo te sentirás largo
É uma cova grande pra tua carne pouca
Mas a terra dada, não se abre a boca
É a conta menor que tiraste em vida
É a parte que te cabe deste latifúndio
É a terra que querias ver dividida
Estarás mais ancho que estavas no mundo
Mas a terra dada, não se abre a boca.

Composição: Chico Buarque sobre poema de João Cabral de Mello Neto

O Estatuto da Terra de 1964 representa o início de um período na história agrária brasileira no qual um pacote de políticas visando o progresso econômico do país foi implantado no espaço rural. Aplicado primeiramente no sudeste, mas ao longo das décadas seguintes manifestando-se em outras regiões do país que surgem como promissores potenciais econômicos agrícolas.

> [...] Articulado com o complexo industrial internacional, o novo modelo apoiava-se tanto na oligarquia rural preocupada com a efervescência dos movimentos sociais no campo, como nos setores mais modernos do capital urbano interessados na ampliação do seu raio de atuação. Estimulado também por preços internacionais favoráveis, pela recente disponibilidade de

> um pacote tecnológico milagroso conhecido como a “Revolução Verde” e amparado por uma coligação de forças suficientes para reprimir qualquer oposição às mudanças, empreendia-se uma transformação profunda na estrutura de produção agrícola tradicional. (MARTINE, 1987 p. 9).

O modelo de desenvolvimento agrícola adotado na região sul e sudeste pautava-se numa “modernização da agricultura”, manifesta em tecnologias importadas, como tratores, seleção de sementes, insumos químicos, entre outros e fornecimento de auxílios aos grandes proprietários, através de créditos rurais, que propiciassem uma maior produtividade.

É importante destacar a relação deste modelo agrícola implantado com o modo de produção industrial que cada vez mais assumia um papel de ideologia no que diz respeito ao funcionamento do território. A industrialização, como um fenômeno da expansão do capitalismo no país, gerou mudanças significativas no arranjo espacial e na divisão do trabalho.

O campo, por sua vez, também participou deste processo de industrialização, tornando seu território mais complexo, através de técnicas que intensificaram a produtividade agrícola, que era de maior interesse para o capital.

Neste contexto, a população rural passa por uma reestruturação das relações de trabalho, produção agrícola e cultura. Os pequenos proprietários de terras são prejudicados com o novo modelo agrícola, que não os incorpora em seu modo de produção, a não ser como força de trabalho.

> [...] O número de postos de trabalho no campo aparentemente cresceu, mas grande parte deles são de natureza mal instável e mal remunerados. O campo se industrializou, se eletrificou e se urbanizou parcialmente, entretanto o êxodo rural também, se multiplicou, levando ao inchamento das cidades. Em suma, as transformações rápidas e complexas da produção agrícola provocaram resultados sociais igualmente intricados e abrangentes. (MARTINE, 1986 p. 10).

As possibilidades de se manter no campo tornam-se cada vez mais remotas por fatores opressores, como é o caso da precariedade de infra-estrutura básica (falta de escolas, postos de saúde, etc), a falta de emprego, a difusão de padrões de vida urbano, através dos veículos de comunicação de massa (televisão), assim como uma ideologia do migrante, manifesta e produzida pelos próprios migrantes, que em seus contextos sociais, acabam por reproduzir um discurso de qualidade de vida superior aos locais de onde são.

2.2. As desigualdades regionais e a migração

Outro aspecto interessante, proposto por Singer (2002) para o estudo das migrações internas, é a criação de desigualdades regionais, que acompanham a industrialização nos moldes capitalistas. Regiões com elevados índices de desenvolvimento econômico passam a ter papel fundamental nas migrações, pois funcionam como fatores de atração, que irão determinar a orientação dos fluxos e as áreas para as quais podem ser destinadas estas migrações. Cabe ressaltar que, entre os fatores de atração, o mais relevante é a demanda por força de trabalho e uma suposta melhor condição de remuneração, "mais elevada que a que o migrante poderia perceber na área de onde provém" (SINGER, 2002 p. 40).

O Brasil é marcado por diferenças regionais acentuadas, como por exemplo, no que diz respeito à concentração industrial e econômica e concentração populacional (como já citado anteriormente). A região sudeste pode ser analisada como uma região que exerce um fator de atração devido ao seu alto índice de desenvolvimento econômico, sendo destino de muitos migrantes. A partir de 1980, um conjunto de cidades médias do sudeste emergiram (Tabela 1) como outros importantes locais de destino dos movimentos migratórios, posto que as grandes metrópoles já encontram-se saturadas (PACHECO, PATARRA, 1998).

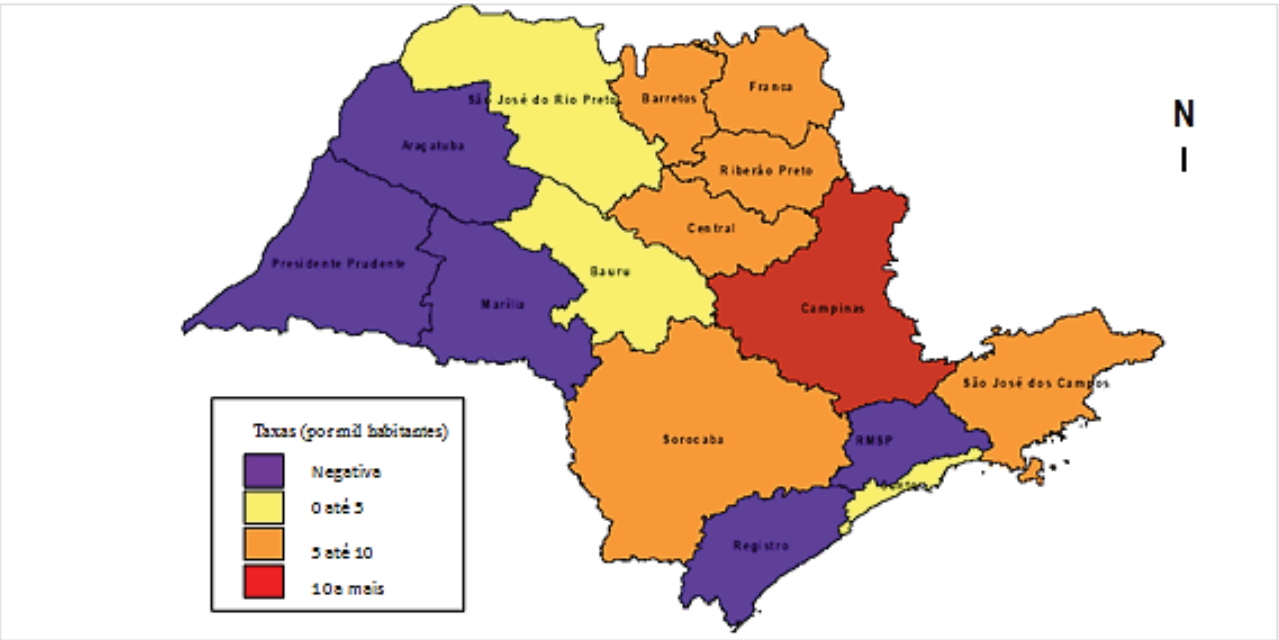
Tabela 1 - Taxas de crescimento populacional, saldos migratórios e taxas líquidas de migração no Estado de São Paulo, na Região Metropolitana e no Interior, de 1980 a 2000.

Estado de São Paulo RM de São Paulo e Interior	Taxas de Crescimento Anuais		Saldos Migratórios Anuais		Taxas Líquidas de Migração Anuais (por mil hab.)	
	1980/91	1991/00	1980/91	1991/00	1980/91	1991/00
Estado de São Paulo	**2,12**	**1,82**	**50.584**	**147.443**	**1,79**	**4,31**
RM de São Paulo	1,86	1,68	-26.405	24.399	-1,89	1,47
Município de São Paulo	1,15	0,91	-68.578	-50.824	-7,58	-5,07
Outros Municípios da RMSP	3,20	2,87	42.173	75.223	8,58	11,41
Interior do Estado de S. Paulo	2,38	1,95	76.989	123.044	5,41	6,99

Fonte: Fundação Seade / Fundação IBGE (Censo 2000 divulgado 19/12/2001).
Notas: (1) As estimativas populacionais foram ajustadas para 1o. de julho para possibilitar a comparabilidade dos dados.
(2) Os municípios foram desmembrados em 645, em 1991, para possibilitar as análises.
(3) Considerou-se Interior como sendo Estado de São Paulo, exceto RM de São Paulo.

Fonte: Perillo, 2002.

Figura 6 - Taxas anuais de migração das regiões administrativas do Estado de São Paulo no período de 1980/2000.



Fonte: Fundação IBGE; Fundação SEADE. Censos Demográficos do Estado de São Paulo de 1980 e 1991.

Percebe-se que a maior taxa de migração do Estado de São Paulo (Figura 6) encontra-se na região administrativa de Campinas, na qual o município de Rio Claro situa-se. O fato pode ser atribuído ao índice elevado de desenvolvimento econômico da região, marcada pelo cultivo de cana-de-açúcar e indústrias o que poderia funcionar como um fator de atração nas migrações, posto que a demanda por força de trabalho é acentuada neste modelo econômico.

"Migrar deve ser uma decisão livre e não forçada pela sobrevivência."
(GONÇALVES, 2001 p. 174)

Segundo Gonçalves pobreza e migração constituem, simultaneamente, causa e efeito dos problemas estruturais da sociedade brasileira. "Não significa estabelecer uma causalidade mecânica e imediata, mas é possível afirmar que os dois componentes em questão têm funcionado na história do país, como duas faces de uma realidade mais ampla." (GONÇALVES, 2001 p.179).

O Censo demográfico de 2000 revela que 81,22% do total da população brasileira residem na zona urbana. A região Sudeste concentra, sozinha, 42,6% da população do país e apresenta um percentual de urbanização de 90,52%. O estado de São Paulo representa 21,8% da população do Brasil. Mas cabe ressaltar que "as cidades não crescem, nem se

desenvolvem, simplesmente se incham. Adquirem muitos vícios das metrópoles, sem lograr seus serviços básicos e seus benefícios.” (GONÇALVES, 2001, p.183).

A partir dos dados acima, também segundo o Censo de 2000, no caso do crescimento das cidades médias do interior, categoria na qual se enquadra Rio Claro - SP, verifica-se que boa parte dos migrantes continuam dirigindo-se aos grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio e Belo Horizonte, mas em seguida seguem para as cidades médias do interior, em busca de melhores condições de emprego (GONÇALVES, 2001).

Os autores citados e os dados analisados foram as referências teóricas para embasar a pesquisa desenvolvida nos dois bairros periféricos da cidade de Rio Claro, cidade média do interior paulista, destino de muitos migrantes de diferentes regiões do país.

3. O GÊNERO FEMININO NO PROCESSO MIGRATÓRIO

Este capítulo apresenta os resultados obtidos nas entrevistas realizadas nos dois bairros e analisa os dados obtidos nas três situações: **A origem**, no qual é realizada uma caracterização das mulheres entrevistadas; **Travessias**, em que são apresentadas as informações sobre o processo migratório em si, ou seja o deslocamento pelo território; e **A situação atual**, que pretende situar as informantes na realidade onde estão inseridas, ou seja, nos seus destinos, no caso, Rio Claro, SP, e quais suas percepções (avaliações) sobre esta realidade vivida.

A predominância de mulheres participantes do projeto PEJA leva a tratar deste gênero, assim como uma curiosidade latente da pesquisadora nos processos sociais que envolvem mulheres. Neste sentido, a antropologia afirma:

> O ponto de partida e eixo de amarração é afirmar o gênero como dado crucial de pesquisa. Essa estratégia analítica propôs-se a operar em duas instâncias: como forma de classificação social a ser resgatada, procurada no real, e como dado constitutivo da identidade do sujeito da pesquisa (COSTA, BRUSCHINI, 1992, p. 99)

O termo gênero para antropologia significa "a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos" (COSTA, BRUSCHINI, 1992, p. 98). Sendo utilizado pela Antropologia e desenvolvido mais a fundo por antropólogas ligadas ao feminismo (COSTA, BRUSCHINI, 1992).

Os resultados deste capítulo estão em forma de gráficos, tabelas e discussões teóricas que buscam costurar a realidade migrante das mulheres entrevistadas residentes dos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel.

3.1. A origem

A partir das entrevistas realizadas foi possível reunir informações sobre as localidades de origem das entrevistadas e elaborar um mapa com a distribuição destas localidades no território brasileiro (Figura 7).

A região que apresenta a maior predominância de migração (sete mulheres) é a Nordeste, com destaque para os estados da Paraíba e Bahia (Figura 8). O Norte de Minas Gerais também também favorece os deslocamentos, o que pode ser compreendido pelas características semelhantes com os estados do Nordeste. Esta expressividade traz à tona a

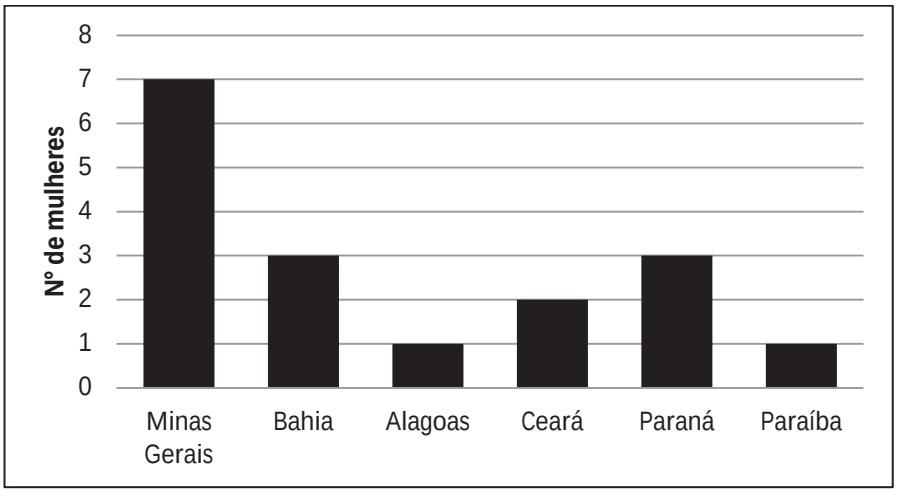
discussão sobre as novas regionalizações do Brasil, na qual o norte de Minas Gerais seria enquadrado com a região Nordeste, marcada pelos fenômenos da seca e da fragilidade sócioeconômica que caracteriza a região.

Figura 7 - Municípios de origem das entrevistadas (n=17).



Fonte: IBGE, 2011. Elaborado pelo autor (cedido por Michel Metran da Silva).

Figura 8 - Unidades Federadas de origem (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor.

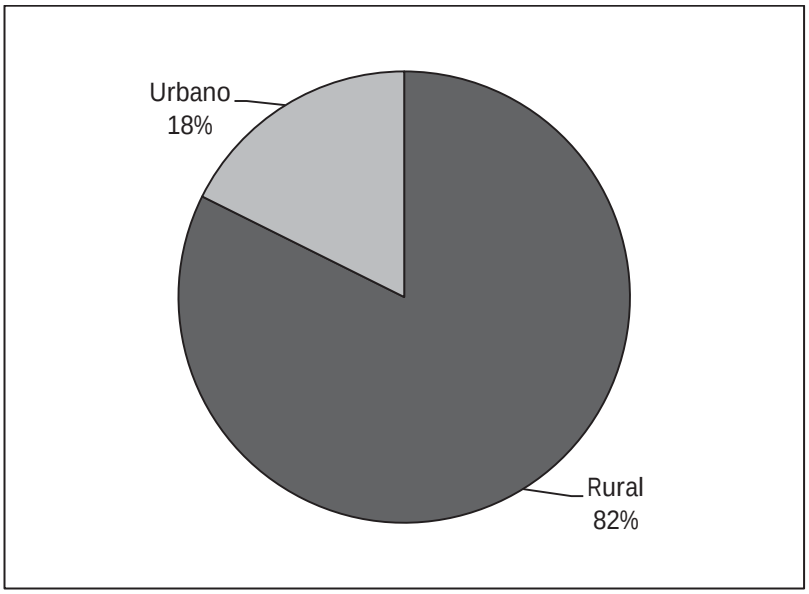
A Região Nordeste é tida como a região mais pobre economicamente do Brasil. A situação agrária é marcada por uma concentração de terras e uma desigualdade social profunda. Algumas regiões, como é o caso do polígono da seca (território reconhecido pela legislação como sujeito a períodos críticos de prolongadas estiagens) apresentam características, que dificultam a agricultura e a vida nestas regiões (CODEVASF, 2010).

Minas Gerais aparece como origem predominante (Figura 8). A região norte do estado apresenta alto índice de migrações, podendo ser atribuído a precariedade da zona rural, com falta de infraestrutura, secas periódicas, concentração de terras e falta de incentivos agrícolas ao pequeno produtor, além de uma ideologia do migrante que se propaga com o discurso de melhoria de vida (principalmente empregos) nos centros urbanos.

3.1.1. Ocupação

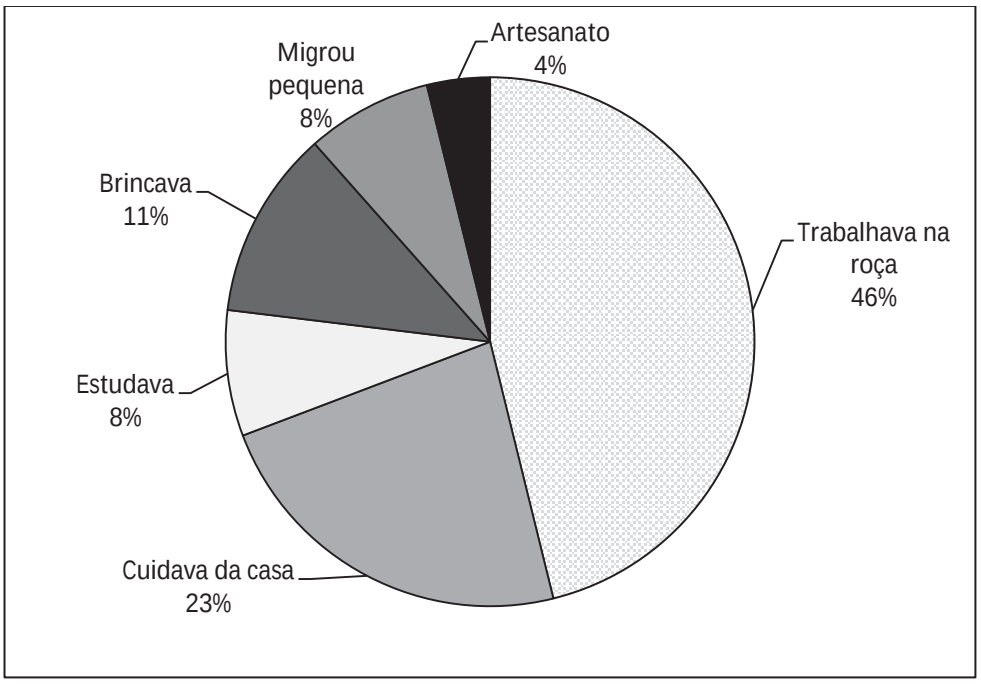
A origem das entrevistadas neste trabalho é predominantemente rural (Figura 9). Quando questionadas sobre qual era sua ocupação no local em que residiam antes da migração, a resposta mais presente foi o trabalho na roça (principalmente, no cultivo de lavouras, como feijão, milho, abóbora, amendoim, mandioca, etc) (Figura 10), basicamente a agricultura de subsistência, com a possibilidade de venda caso houvesse algum excedente.

Figura 9 - Origem das mulheres migrantes (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 10 - Ocupações citadas desenvolvidas no local de origem (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor.

O trabalho doméstico também foi citado com certa expressividade. As tarefas da casa como cozinhar, lavar, limpar, costurar, etc., são desempenhadas quase que exclusivamente

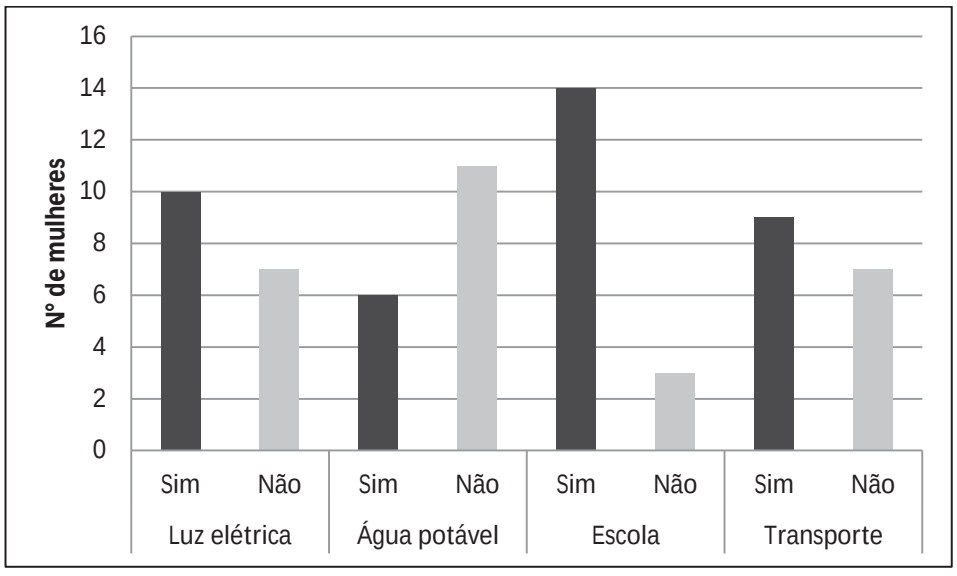
pelo gênero feminino. Apenas duas entrevistadas citaram o estudo como uma de suas ocupações. Cabe ressaltar que algumas informantes possuíam mais de uma ocupação, mas não mencionam o trabalho doméstico, talvez porque para muitas delas, esta ocupação é intrínseca ao gênero feminino.

A categoria “Não se recorda” é devido a migração ter ocorrido quando a entrevistada ainda era muito pequena, não ficando lembranças sobre este período.

A origem rural pode ser encarada no contexto do processo de êxodo rural brasileiro, que ocorre já há algumas décadas no território nacional, como comentado anteriormente na discussão sobre a modernização do campo.

A situação do campo, marcada pela deficiência de infraestruturas impossibilita uma vida mais digna e principalmente rentável para as populações ali residentes, assim como a falta de incentivos do governo, principalmente financiamentos agrícolas para o pequeno produtor rural, favorecem a saída de populações pobres de seus locais de origem, em busca de melhores condições de vida (trabalho remunerado e serviços concentrados nos centros urbanos). A Figura 4 ilustra a infraestrutura do meio rural, de onde essas mulheres migraram.

Figura 11 - Infraestrutura básica no local de origem.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico nos permite uma análise crítica da infraestrutura do local de origem das entrevistadas. Fatores básicos como água potável são inexistentes ou de difícil acesso para os habitantes dessas localidades. A luz elétrica existia, mas algumas entrevistadas destacam que a luz chegou apenas depois que elas migraram. A escola também existia, mas é importante

salientar que apenas a existência de uma infraestrutura escolar não é suficiente para que uma educação de qualidade se desenvolva, como verificado na discussão do item “escolaridade” (pág. 29).

O transporte que atende estas localidades são muitas vezes precários (estradas e ônibus mal conservados) e são identificados como existentes por um pouco mais que a metade das entrevistadas. Ou seja, das 17 entrevistas, sete não tinham suas localidades contempladas por um sistema de transporte público. Neste sentido:

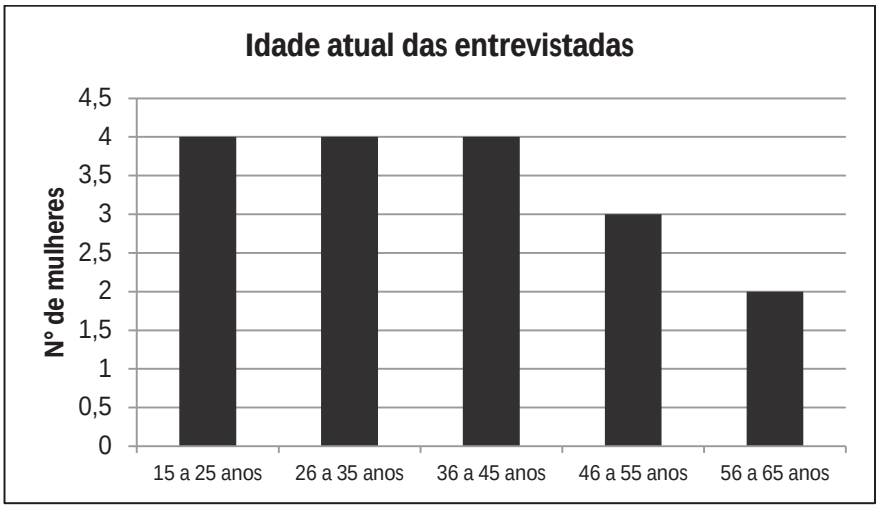
> [...] se quer resolver o caso da habitação, o caminho é diminuir o estímulo nas cidades grandes e dar morada condigna ao homem da roça. Até que aquelas possam absorver (com trabalho e condições de habitabilidade) o excesso de gente que a técnica agrícola tende a remeter aos centros industriais. Fora isto é jogar açúcar em cima da mesa: atrai mosca. Todo mundo fala no surrado êxodo rural, mas é o próprio governo quem age como um ímã em cimalhas de ferro: para o citadino, tudo (de iluminação para o Carnaval a teatro de bilhões); para o matuto, trabalho, imposto e pouco-caso. (NETO 1983, p. 269)

3.1.2. Faixa etária

A faixa etária das entrevistadas foi bastante heterogênea. Percebe-se a migração em diferentes idades (Figura 12). Tanto mulheres mais velhas, quanto mulheres jovens, que vivem no Estado de São Paulo há muitos anos, deslocaram-se com suas famílias desbravando regiões mais “prósperas” economicamente. Observa-se que muitas dessas mulheres saíram de seus locais de origem recentemente (Figura13), demonstrando que a migração do rural para o urbano, de regiões brasileiras mais pobres para centros urbanos mais favorecidos economicamente continua manifestando-se. A desigualdade sócio-espacial é evidente e pode ser corroborada:

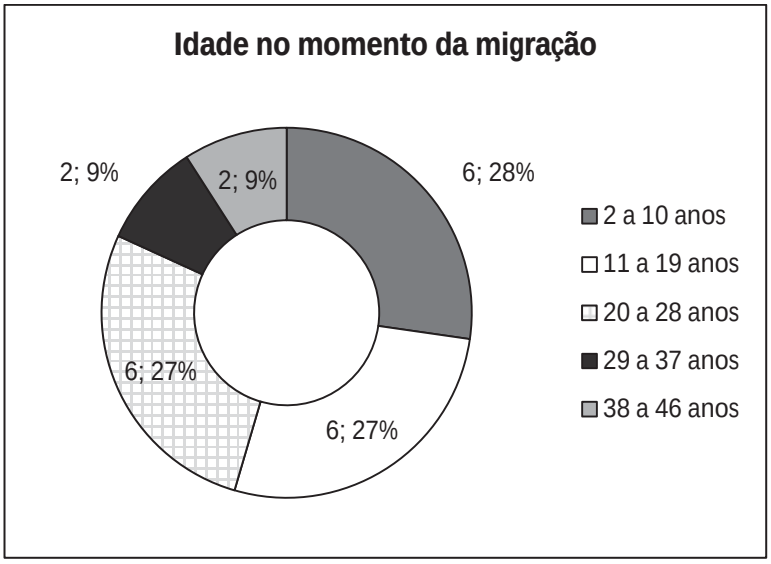
> O estudo das áreas de imigração e a análise do processo de desenvolvimento econômico do país deixa bastante claro que o deslocamento da população rural se dá das regiões mais prósperas e se apresenta, em grande parte, como uma transferência de mão-de-obra para sistemas econômicos mais produtivos. DURHAN, 1978, p. 45).

Figura 12 - Faixa etária das entrevistadas (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 13 - Faixa etária em que as mulheres migraram (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor

Quase 60% das mulheres migraram antes dos 20 anos e quase 90% antes dos 30 anos. Isto é uma informação significante, e talvez se deva ao fato dessa juventude buscar outras perspectivas de futuro, posto que estão ainda consolidando suas trajetórias de vida.

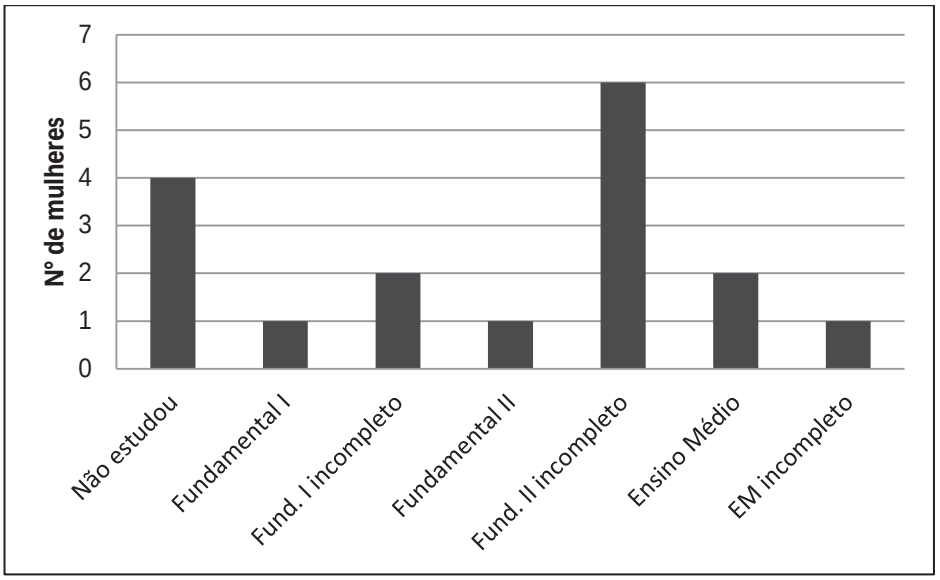
3.1.3. Escolaridade

O nível de escolaridade das mulheres entrevistadas é baixo (Figura 14). O fundamental II (5ª a 8ª série) aparece como predominante, mas é importante lembrar que esta categoria surge principalmente para caracterizar a 5° série deste ciclo, ou seja, o primeiro ano do ciclo Fundamental II. Destaque para as mulheres que nunca estudaram, característica marcante no espaço rural.

O dado contrasta com a informação sobre a existência de escolas nos locais de origem. Pois, apesar de existirem escolas na grande maioria das regiões de origem dessas mulheres não significa o acesso delas à educação. As razões para essa situaçõe podem ser várias, como por exemplo, a não autorização por parte dos pais ou maridos dessas mulheres ao estudo, a distância das escolas de suas moradias, assim como o desinteresse delas frente às obrigações do cotidiano (trabalho). Estes aspectos podem estar atrelados à dificuldade atual que essas mulheres têm em se inserir no mercado de trabalho por não terem qualificação profissional, e ainda uma fragilidade no que tange a noções políticas, como direitos da constituição, etc.

Cabe ressaltar que neste ponto a atuação do PEJA é de fundamental importância, posto que algumas dessas mulheres retomam seus estudos, ou as vezes pela primeira vez, buscam o conhecimento formal, como a alfabetização, para suprir as lacunas de um processo educacional precário, através do ensino deste projeto de extensão.

Figura 14 - Nível de escolaridade (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor

3.2. Travessias: o processo de migração para Rio Claro

Para ilustrar o panorama geral da migração das entrevistadas, como por exemplo os motivos pelos quais as entrevistadas saem de seus locais de origem e partem em busca de novos territórios, organizou-se esta subdivisão do capítulo **O gênero feminino no processo migratório.**

Tabela 2. Motivações que levaram a migração

Motivo	Frequência absoluta dos aspectos citados	Frequência total relativa (n=25 citações)
1. Trabalho		
1.1. Arrumar emprego	3	32%
1.2. Melhor remuneração	2	
1.3. Desemprego	3	
2. Dificuldades no local de origem		
2.1. Perda de lavouras	1	20%
2.2. Seca	2	
2.3. Gastos com venenos	1	
2.4. Dívidas com bancos	1	
2.5.Falta de infraestrutura básica	1	
3. Migrou com/pela família		
3.1.Busca por melhores condições de vida	3	48%
3.2.Familiares já estabelecidos no local de origem	9	
3.3. Capital mais ativo	1	

Fonte: Elaborado pelo autor

As motivações que levam as entrevistadas a migrar estão relacionadas com a busca por melhores condições de vida, articuladas com o contato da rede familiar já estabelecida no local de destino da migração. Para uma melhor visualização as respostas obtidas foram divididas nas categorias: **1. Trabalho**, **2. Dificuldades enfrentadas no local de origem** e **3.Migração com ou pela companhia da família** e outras sub-categorias (Tabela 2).

O perfil sócio-econômico, marcado por pobreza, origem rural, baixa escolaridade, pouco ou nenhum acesso aos serviços básicos no local de origem (como saúde, educação, emprego, etc), ou seja, dificuldades de sobrevivência digna são condicionantes para

impulsionar o deslocamento dessa população para regiões econômicas mais desenvolvidas, em busca de uma melhor qualidade de vida.

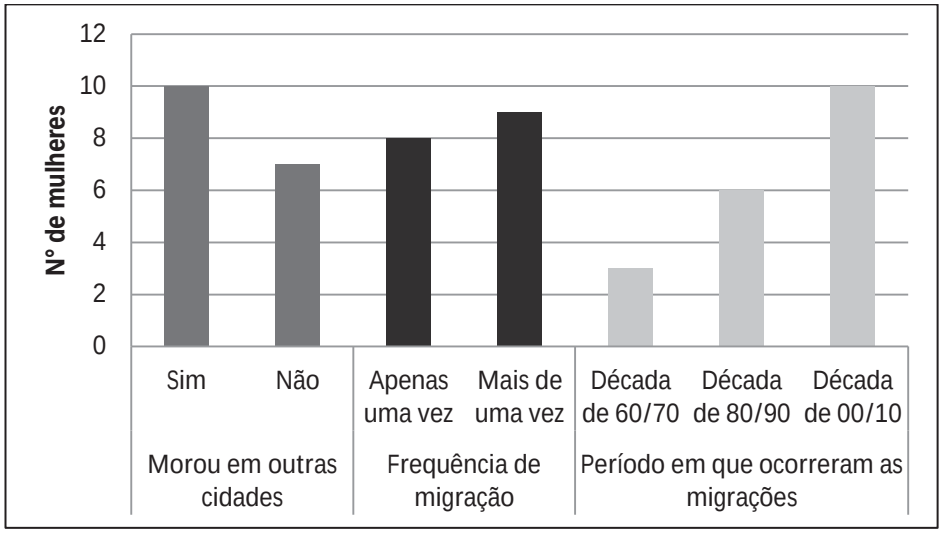
Nesta perspectiva o trabalho surge como categoria de extrema relevância, pois o deslocamento norteia-se para ele, em busca dele.

A maioria das mulheres entrevistadas chegaram ao estado de São Paulo pelas rodovias, de caminhão e principalmente ônibus clandestinos, que fazem os trajetos entre regiões do país, articulando um fluxo intenso de migrações. Como é o caso, por exemplo, de Monte Azul, MG para Rio Claro, SP. As informantes revelam que uma vez por semana pelo menos, um ônibus clandestino faz esta conexão entre as localidades.

Um aspecto interessante do perfil da migração investigada é o fato de 100% das entrevistadas terem se deslocado (migrado) com algum parente de seus núcleos familiares, como marido, pais, filhos, irmãs, primos, cunhados, etc. Isso revela que a migração se estabelece em rede. Ou seja, a difusão de uma suposta melhor qualidade de vida no sudeste, espalha-se pelas redes familiares. Dessa forma, famílias inteiras deslocam-se em busca de novas perspectivas de vida.

Algumas informações sobre a migração, como a frequência de vezes que houve o movimento, o ano em que ocorreram estas migrações, a idade que tinham estas mulheres quando migraram e a passagem ou não por outras cidades antes de se estabelecerem em Rio Claro, SP também foram levantadas (Figura 14).

Figura 15 - Aspectos da migração (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor

Em alguns casos a migração já tem destino traçado, como é o caso de alguns deslocamentos para a cidade de Rio Claro, e até mesmo para os bairros em questão. Mas também ocorre, e neste estudo são a maior frequência, os casos relacionados a uma migração mais lenta, que direciona seu fluxo conforme as melhores oportunidades de emprego e quem sabe, gradualmente, de vida. Na travessia de diferentes cidades, as mulheres moraram em outros locais antes de fixarem-se em Rio Claro, percorrendo trajetos até encontrarem melhores horizontes (Figura 15).

O período histórico em que estas mulheres migraram foi distribuído em três grupos de décadas (Figura 15). Percebe-se a maior frequência de migrações na década mais recente, no intervalo dos anos 2000 a 2011. Esta informação é relevante, pois demonstra que a migração nos bairros em questão ainda ocorre nos dias atuais. Afinal a desigualdade entre regiões é bastante significativa no território nacional. E a oferta de empregos e a qualidade de vida parecem maiores por aqui do que nos seus locais de origem, como já comentado anteriormente na discussão sobre a migração no Estado de São Paulo (p. 20).

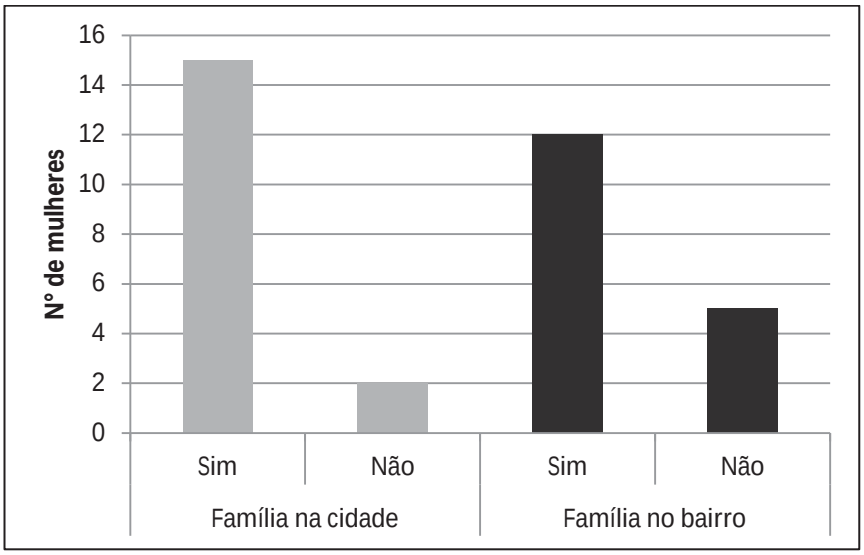
Além disso, nos últimos anos, os dados demonstram as taxas de migração nas cidades médias de São Paulo se elevaram, pois o fluxo aponta para o interior onde há crescimento econômico (p. 19).

3.2.1. Caracterização da migração para os bairros

Cabe ressaltar que a amostragem de mulheres entrevistadas nos bairros estudados é bastante baixa perto da população total, mas a intenção aqui não é fazer generalizações e sim caracterizar de acordo com as realidades escutadas e vividas nos bairros a situação de algumas mulheres que estão tão distantes de seus territórios de origem, muitas vezes por falta de condições em manterem-se nestes locais.

Foram levantados alguns aspectos, como por exemplo, a presença de família na cidade e no bairro. Buscou-se compreender um pouco mais das migrações dessas pessoas e seus contextos de vida. Como já apresentado anteriormente, todas migraram acompanhadas de algum parente. Portanto a presença da família na cidade é manifesta na grande maioria das respostas. Redes familiares são estabelecidas nos territórios de destino (Figura 16).

Figura 16 - Presença de família no espaço atual (n=17).

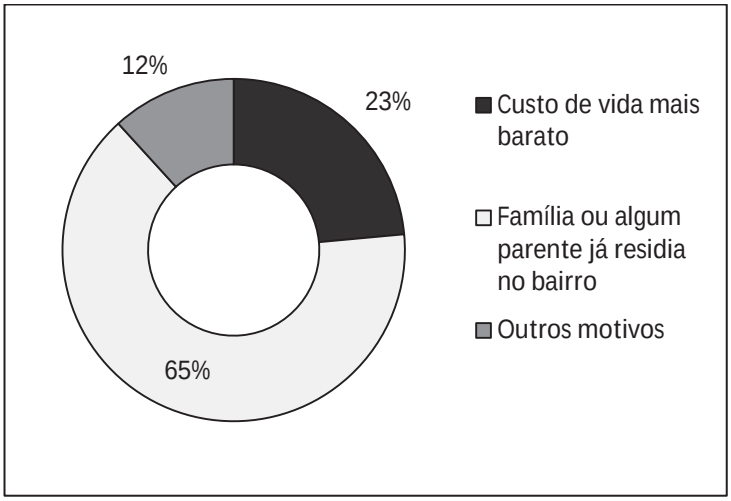


Fonte: Elaborado pelo autor.

A rede de relações de parentesco se torna mais próxima espacialmente, pois além da presença da família na cidade, estas redes acabam se concentrando nos bairros em que as entrevistadas moram (Figura 16) ou em alguns casos se dá em outros bairros semelhantes ao Bonsucesso e Novo Wenzel.

Estes outros bairros citados pelas entrevistadas apresentam características em comum, como o fato de serem áreas de ocupação mais recente situadas nas periferias do município, e por também serem locais onde a especulação imobiliária ainda não se dá de forma tão elevada, favorecendo o aluguel e a compra de imóveis urbanos por esta população migrante (Figura 17).

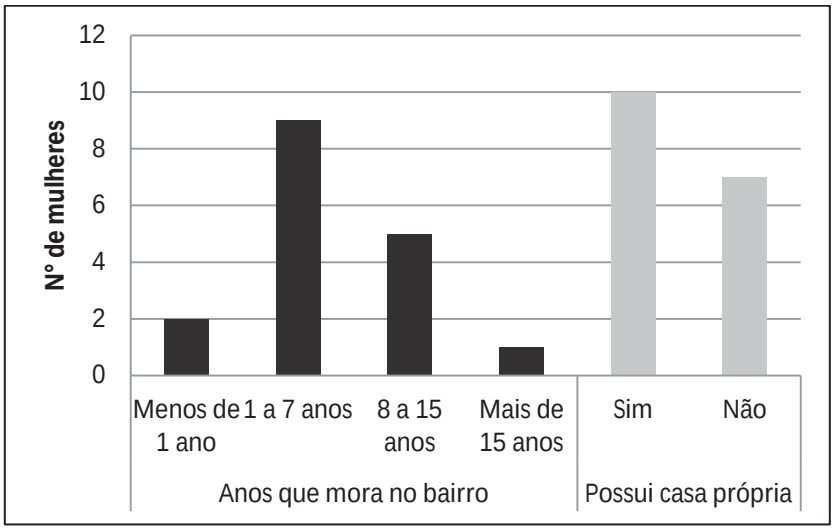
Figura 17 - Motivos apresentados pelas entrevistadas referentes à ida para os bairros (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados relacionados ao período em que as mulheres vivem nos bairros Bonsucesso e Novo Wenzel (Figura 18), revelam a predominância de mais de três anos nos bairros (11 mulheres) e pode ser encarado como um fator da estabilidade no destino do movimento migratório. Pois na concepção delas, suas vidas melhoraram residindo neles, evidenciando mudanças positivas na qualidade de vida, quando comparadas as vidas que levavam em suas terras de origem.

Figura 18 - Tempo em que mora nos bairros e presença de casa própria.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra informação relevante para esta discussão é referente à propriedade privada. Um pouco mais que a metade delas, tem suas casas próprias, sendo mais um aspecto importante na discussão sobre estabilidade e melhoria de vida.

Traçada esta caracterização da migração, resta uma discussão mais aprofundada sobre a situação atual e a concepção dessas mulheres frente ao processo de migração em que estão inseridas, através de uma avaliação de suas vidas, pós-migração.

3.3. A situação atual delas

Moradoras de Rio claro, de bairros periféricos, de espaços distintos de onde vêm. O que fazem? Como vivem? São atendidas pelo sistema público de saúde, educação, habitação, de uma maneira decente? Qual é o referencial de cidade? De cidadania? De direitos sociais? São algumas perguntas a serem respondidas que suscitam a partir da análise dos dados coletados pela pesquisadora sobre a atual situação das mulheres migrantes entrevistadas.

3.3.1.Ocupação

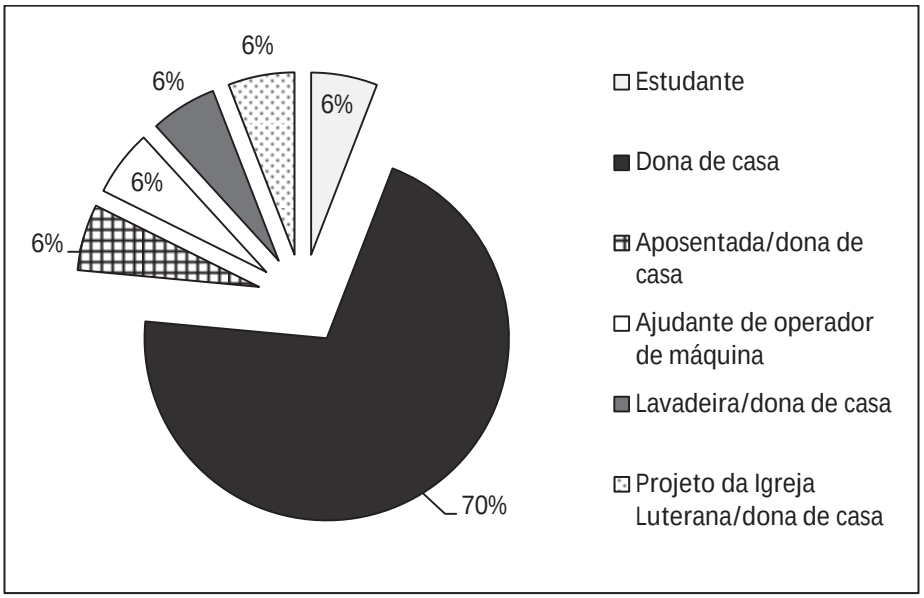
Na análise realizada percebeu-se que a ocupação citada mais frequente foi a categoria "Dona de Casa" (Figura 19). O que pode ser interpretado devido ao baixo nível de escolaridade das mulheres, assim como uma "tradição" do papel desenvolvido pelo gênero nas sociedades rurais e urbanas, na qual o trabalho doméstico é predominantemente feminino (PERROT, 2007).

> A diferenciação das atividades e dos espaços de vida dos homens e das mulheres é talvez o componente mais visível de um sistema de gênero, sem dúvida também um dos mais eficazes para controlar e reproduzir as desigualdades entre os sexos. Em todas as sociedades a manutenção dos filhos, a manutenção da casa e a preparação das refeições são, antes, competência das mulheres. O universo doméstico e privado é reconhecido como o espaço feminino por excelência, ao passo que os espaços públicos pertencem mais ao domínio dos homens. (HERTTRICH; LOCOH, 2004).

Quando questionadas sobre a ocupação que exerciam nos seus locais de origem, o trabalho na roça também é muito expressivo, mas a partir do momento que a roça deixa de existir em seus contextos de vida, pelo fato de estarem agora alocadas em espaços urbanos, as atividades domésticas tomam a posição central na vida dessas mulheres.

Algumas exceções são presentes, como é o caso da ajudante de operador de máquina, da lavadeira, da colaboradora do projeto da Igreja e da estudante (que se encontra em idade regular de escolarização), à estas somam-se o trabalho doméstico, intrínseco de suas ocupações como gênero feminino.

Figura 19 - Ocupação das entrevistadas (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor.

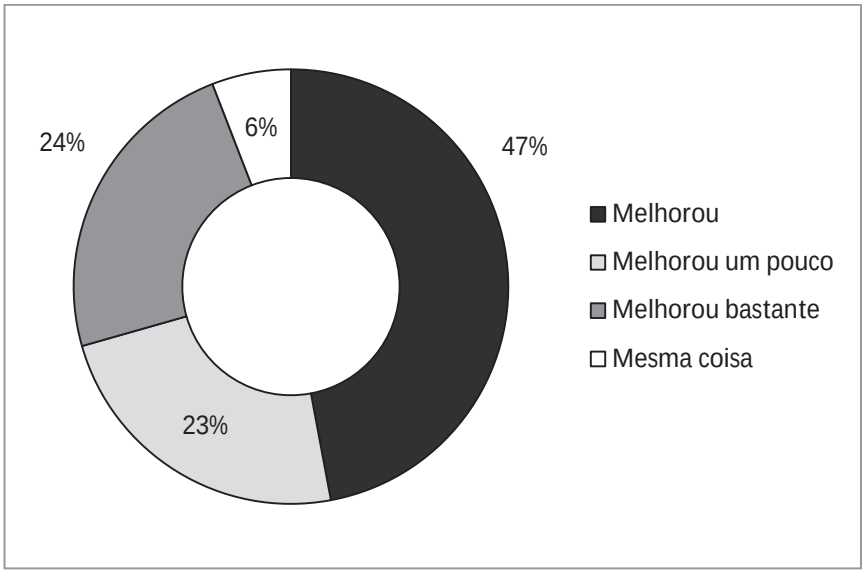
O encontro de costura, realizado uma vez por semana no espaço da Igreja, é uma atividade a mais em seus cotidianos, com a possibilidade de uma pequena geração de renda. Pois os bordados realizados ali são vendidos em feiras beneficentes, pelas organizadoras da Igreja, uma ou duas vezes por ano, trazendo algum retorno financeiro para as mulheres.

3.3.2. Avaliação da migração pelas entrevistadas

A discussão sobre qualidade de vida é algo bastante complexo, pois trata de uma concepção subjetiva e muitas vezes particular a cada indivíduo ou grupo social. Mas alguns requisitos básicos, assegurados pela Constituição Federal, como acesso a saúde, educação, alimentação, moradia e lazer, estruturam a base para o desenvolvimento de uma sobrevivência justa e serão utilizados nesta análise para nortear o conceito de qualidade de vida.

Cabe destacar a questão sobre o que é o padrão de qualidade de vida para estas mulheres, pois é importante lembrar que os referenciais anteriores à migração, quando comparados às situações atual eram ainda mais precários (Figura 20) e não correspondem em nada aos padrões, por exemplo, da maior parte do corpo intelectual da Academia.

Figura 20 - Opinião sobre a vida pós migração (n=17).

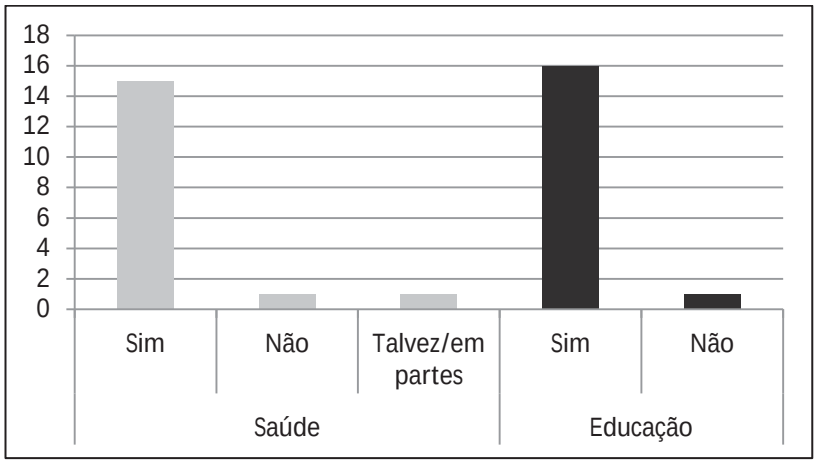


Fonte: Elaborado pelo autor.

A melhoria é evidente e as justificativas são novamente a categoria **Trabalho.** Empregos, serviços, "bicos" são citados, seguido do aparato estrutural básico do meio urbano, como o acesso a educação para os filhos, o sistema de sáude, a água encanada, a oferta de serviços da cidade (diversidade de produtos para consumo), a concentração de riquezas e até mesmo os projetos sociais, que existem nos bairros, como é o caso do projeto de extensão PEJA, EPA, e da ONG Núcleo Artevida, que também atua com a comunidade dos bairros.

Nas entrevistas pedia-se que elas realizassem uma avaliação pessoal sobre seus acessos a alguns serviços básicos da cidade e dos bairros em que residem, como a sáude e a educação (Figura 21).

Figura 21 - Opinião sobre o acesso a saúde e educação (n=17).



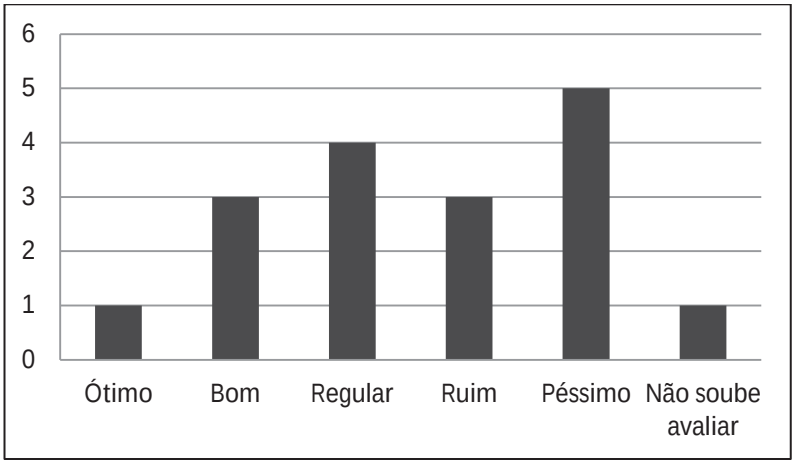
Fonte: Elaborado pelo autor.

O acesso a esses recursos se dão na grande maioria, mas as condições desse sistema público de saúde são avaliados, tanto em relação a Rio Claro, quanto aos bairros em que residem, que no caso, trata-se de um posto de saúde que atende as comunidades dos dois bairros.

A avaliação da saúde em Rio Claro é crítica (Figura 22), assim como o posto de saúde do bairro que recebeu reclamações por parte das entrevistadas. Muitas delas comentaram sobre a falta de médicos, de medicamentos, e de condições de higiene do local (Figura 23).

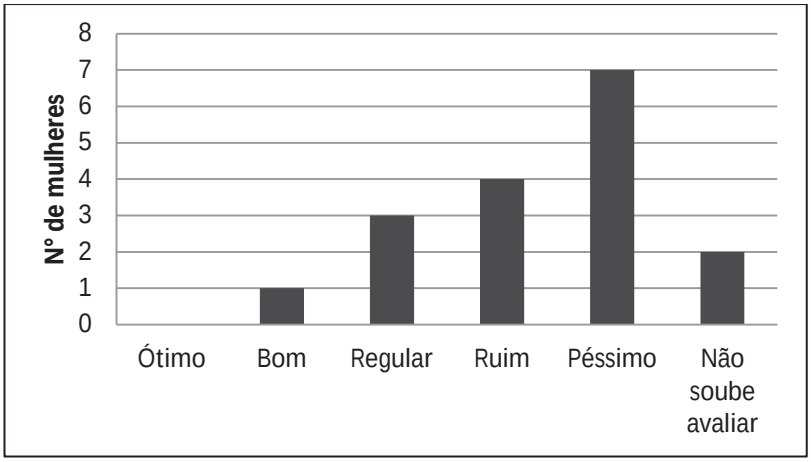
Neste sentido, cabe refletir aobre as condições de acesso a estes serviços públicos, posto que existem, mas de maneira precária e ineficiente para atender a população.

Figura 22 - Avaliação do sistema público de saúde da cidade de Rio Claro, SP.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 23 - Avaliação do posto de saúde que atende os bairros em que residem (n=17).

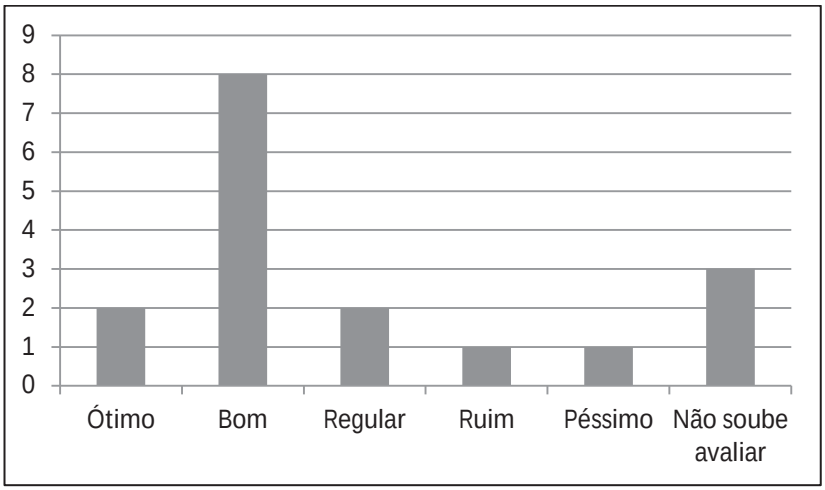


Fonte: Elaborado pelo autor.

O acesso à educação também é evidenciado pelas mulheres e a avaliação é positiva com relação à qualidade destas instituições de ensino, neste caso o parâmetro delas são as escolas que seus filhos frequentam nos bairros, mas, como professora da rede estadual de ensino, é preciso situar o leitor nas escolas públicas do município e manifestar a situação precária em que estão estes estabelecimentos, pois a situação do ensino público básico em Rio Claro, assim como no Brasil passa por um processo de deterioração, manifesta em falta de professores e de práticas inovadoras, infraestrutura decadente, baixa destinação de verbas para melhorias e uma deturpação de valores éticos, políticos e morais.

Neste sentido, a concepção das entrevistadas em suas avaliações pode ser analisada levando-se em consideração, novamente, o referencial de qualidade de educação que estas mulheres têm, lembrando aqui os índices de escolaridade (bastante baixos) apresentados anteriormente (p. 29). Ou seja, qual a concepção de escolas e de educação formal por parte delas? Qual educação é garantida pelo Estado para seus filhos? São algumas reflexões que surgem...

Figura 24 - Avaliação frente à educação pública de Rio Claro, SP (n=17).

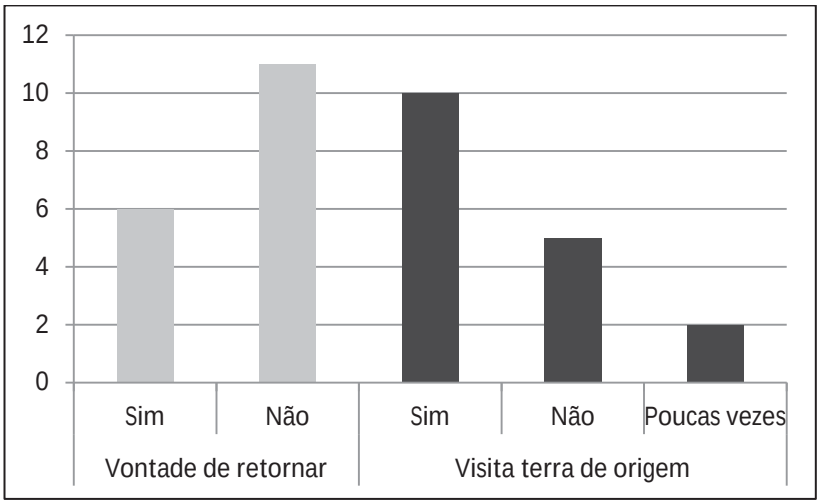


Fonte: Elaborado pelo autor.

3.3.3. Perspectivas

Apesar da migração distanciar as mulheres de seus locais de origem, isto não significa que elas não retornem a este lugares pós migração (Figura 25). A grande maioria delas realiza visitas a estes locais, onde possuem família. Já outras, nunca mais retornam, por falta de oportunidades ou por terem encerrado o vínculo com este passado.

Figura 25 - Possibilidade de retorno aos locais de origem e visita a terra de origem (n=17).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Uma questão bastante pessoal e reveladora diz respeito à vontade que estas entrevistadas têm em voltar para seus locais de origem.

A maior frequência diz que não, justificados por falta de condições básicas nestes lugares. Habituadas a novas realidades e situações econômicas mais favorecidas, não enxergam perspectivas por lá para suas vidas atuais. Mas outras ainda preservam a saudade dos costumes, da região, do clima, das famílias. Afirmam que se houvessem melhorias em seus territórios de origem retornariam. Afinal não é costume partir quando a situação está boa. São as necessidades que as impulsionam. As desigualdades. A busca por novas perspectivas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O motivo da migração é basicamente o mesmo. Busca por melhoria de vida. Principalmente de trabalho. Emprego, salário, renda. Vida mais justa.

Primeiro vêm os homens, depois o resto da família. A rede familiar articula a ponte, o deslocamento, o movimento. As relações familiares vão sendo reestruturadas. Os empregos são padronizados. Mais braçais e desqualificados. Não necessitam estudo e sim força física. A maioria vem da roça. Da agricultura de subsistência: feijão, milho, arroz, amendoim, algodão.

A desigualdade regional direciona o fluxo. O contraste entre as regiões brasileiras é acentuado. Diferentes tipos de desenvolvimento, de crescimentos econômicos. Como desenvolver os lugares de forma mais equilibrada e justa para que as pessoas não migrem? As migrações fazem parte do desenvolvimento das sociedades humanas, mas são também historicamente condicionadas e precisam ser levadas em consideração para uma compreensão mais ampla do território brasileiro e atual conjuntura social, econômica, política e ambiental do país.

São senhoras de seu destino? Por que migram? Para onde? Quais são as possibilidades de escolhas?

São donas de casa e trazem suas culturas muito marcadas. A divisão do trabalho por gênero. A baixa escolarização. As noções dos direitos humanos ainda distantes. Almejam se inserir de outra maneira na sociedade? Se incomodam com as situações que vivem?

Muitas não compreendem que são migrantes. Não sabem o que isto significa. Como andorinhas seguem os fluxos de população para sobreviverem. Costuram o dia-a-dia de opressão. Cuidando de filhos: lavando, passando, cozinhando, arrumando. Não tem acesso de qualidade aos serviços básicos da cidade. Dizem aqui ser melhor do que lá. Mas ainda são condicionadas a situações precárias de vida. Moram em bairros com baixa infraestrutura e muitas vezes altos índices de criminalidade, o acesso aos serviços públicos é deficiente e injusto, ocupam lugares bem definidos na cidade, geralmente à margem da riqueza socialmente produzida, distantes de uma participação democrática.

Mas qual é o referencial que adotamos para tecer estas comparações? Qual é o acesso atual frente o antigo? Suas vidas melhoraram, quando comparadas ao passado que tinham?

A situação do campo brasileiro ainda é muito difícil para as populações menos favorecidas economicamente. Falta de incentivos agrícolas, de infraestrutura básica, concentração de terras, um modelo agrário ainda muito conservador e hierárquico, somam-se

à dificuldade para se organizar, para reivindicar. O modelo de sociedade contemporânea individualista é o que impera. E o urbano é o espaço da reprodução deste discurso. Mas percebem-se resistências, há novas perspectivas levantadas, o campo há de melhorar e ter o reconhecimento merecido. O processo é lento e gradual. A importância do PEJA, da extensão universitária, do papel social das universidades: do retorno que precisa ser efetivado, das novas relações que podem ser criadas e estabelecidas.

Conforme o estudo aprofundava-se e o contato com as mulheres se intensificava, surgiram mais indagações, mais curiosidades: Qual era a relação que tinham com o espaço em que nasceram? E agora? Quais as lembranças, memórias de infância? Quais as paisagens em que viviam? Como se dá a relação com o meio rural e o urbano? De que forma acham que poderiam participar mais dos assuntos de interesse coletivo? Qual é a visão delas sobre feminino, masculino, família, filhos, marido, roça, trabalho? E tantas outras que motivam e incentivam novos estudos e reflexões, afinal o conhecimento é infinito...envolto no movimento da Terra, assim como as migrações...

REFERÊNCIAS

BAILLEY, K. D. **Methods of social research**. McMillan Publishers, The Free Press, New York, 1982.

BEAUJEU-GARNIER, J. Movimentos de populações. In: **Geografia de População**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional. 1980. p. 189-317.

BECKER, B; EGLER, C. A. G. O legado da modernização conservadora e a reestruturação do território. In: **Brasil – uma nova potência na economia-mundo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1992. p. 169-213.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1982.

CAMARGO, M. R. R. M. de; ZANATA, E. M, **O PEJA faz 10 anos**. In: Revista Educação: Teoria e Prática, v. 19, n. 33, jul-dez-2009, p. 11-13.

CODEVASF. Polígono das secas. 11/03/2010. Disponível em: <http://www.codevasf.gov.br/osvales/vale-do-sao-francisco/poligono-das-secas. Acesso em: 26/07/2011.

DURHAN, E. R. **A caminho da cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FREIRE**,** P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Editora Cortez, 2003

FUNDAÇÃO SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados). Disponível em: <http://www.seade.gov.br> .Acesso em: 10 out 2011.

GONÇALVES, A. J. **Migrações internas:** evoluções e desafios. In: Estudos Avançados 15 (43), 2001. Disponível em Scielo. Acesso em 19 de agosto de 2010.

HAESBART, R. Desterritorialização e mobilbidade. In: **O mito da desterritorialização.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004. p. 235-263.

HEILBORN, M. L. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In: **Uma questão de gênero.** Org. Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruchini. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

HERTTRICH, V; LOCOH, T. Relações de gênero, formação e dissolução das uniões nos países em desenvolvimento. In: **Gênero nos estudos de população**. Org. Antonella Pinella. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais-ABEP, 2004.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <http:/www.ibge.gov.br>. Acesso em 04 out 2011.

IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em 13 out 2011.

KOWARICK, L. A lógica da desordem. In: CAMARGO, C. P. F. et al. **São Paulo 1975 crescimento e pobreza.** São Paulo: Ed. Loyola. 1975. p. 21-61.

LUDKE, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINE**,** G. e GARCIA**,** R. **Os impactos sociais da modernização agrícola.** São Paulo: Editora Caetés, 1987.

OLIVEIRA, A. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PACHECO, C. A. e PATARRA, N. **Movimentos migratórios anos 80: novos padrões**? In: Encontro Nacional sobre Migração, 1998. Disponível em: < http://www.abep.nepo.unicamp.br>. Acesso em 18 de agosto de 2010.

PASTOR, C. G**. Educação ambiental**: uma vivência de ensino/aprendizagem no projeto EPA! (Educação, periferia e arte) Rio Claro, SP, 2009. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

PERILLO, S. **Vinte anos de migração no Estado de São Paulo: uma análise do período 1980/2000.** In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. 13., Ouro Preto, 2002.

PERROT, M. **Minha História das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

ROSA, G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SILVA, G. **O que é questão agrária**. São Paulo: Editora Brasilensis, 1986.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: **Economia política da urbanização.** São Paulo: Contexto. 2002. p. 29-62.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDORINHAS, nem cá, nem lá. Produção de Maria Aparecida de Moraes da Silva. São Carlos: OZ Produtora, 1990. 1 DVD.

BAENINGER, R. **Migrações internas no Brasil:** municípios metropolitanos e não-metropolitanos. In: Encontro Nacional sobre Migração, 2. 1999, Belo Horizonte. p. 535- 562.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BEIRO, D. **Territórios e memórias:** narrativas de mulheres que migraram na segunda metade do século XX. 2009. 1v. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

BEM-VINDO. Direção Phillip Lioret, França: Produção Nord-Ouest Prodctions, Studio 37, France 3 Cinemà.2009. 1 DVD

BIUTIFUL. Direção: Alejandro Gonzáles Iñárritu. EUA: Focus Features/Universal Pictures, 2010. 1 DVD.

CAMARANO, A. A. e ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil:** panorama dos últimos 50 anos. IPEA. Rio de Janeiro, 1999.

DOTA, E. M. **Migração Sazonal em Santa Bárbara do Oeste**: Condições de vida e cotidiano dos Bóias-Frias. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 16., Caxambu, 2008.

ESTRADA DAS LÁGRIMAS. Produção Cultura Vídeos, São Paulo, 1992. 1 DVD

EXPEDITO – em busca de outros Nortes. Produção de José Roberto Novaes e Aida Marques, 2006. 1 DVD.

FROCHTENGARTEN, F. **Educação de adultos migrantes**: a experiência de um professor nativo. Revista Travessia, ano XIX, n. 56, set-dez, p.41-45, 2006.

_____. **Caminhando sobre fronteiras**: o papel da educação na vida de adultos migrantes. São Paulo: Summus, 2009.

MAIA, A. C. **A construção de espaço e cultura:** Trajetórias migratórias entre Monte Azul (MG) e Rio Claro (SP). 2010. 1 v. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

MIGRANTES, Produção de José Roberto Novaes, 2007. 1 DVD.

RIGOTTI, J. I .R. Geografia do fluxos populacionais segundo níveis de escolaridade dos migrantes. In: Estudos Avançados 20 (57), 2006, p. 237-254.

ROMEIRO, A. R. **Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura.** São Paulo: Annablume: FAPESP, 1998. 272p.

ROSS, J. (Org). Geografia do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SANTOS, M., SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, M. A. de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: UNESP, 1998

ANEXOS

Roteiro de entrevista

Entrevista nº_____ Data: ___/___/_____

1.Nome da entrevistada:

_____

2. Endereço: _____ Bairro Bonsucesso ( ) Novo Wenzel ( )

3. Idade:_____

4. Escolaridade: Não estudou ( ) Fundamental I ( ) Fundamental II ( ) Ensino Médio( )

Outro ( ) _____

5. Estado Civil: Solteira ( ) Casada ( ) Viúva ( ) Divorciada ( )

6. Ocupação primária:

_____

secundárias:

_____

7. Possui filhos? Sim ( ) Quantos? _____ Não ( )

8. Frequentam a escola? Sim ( ) Não ( )

9. Você tem acesso aos seguintes serviços básicos de sua cidade?

Saúde: Sim ( ) Não ( )

_____

_____

Moradia: Sim ( ) Não ( )

_____

_____

Educação: Sim ( ) Não ( )

_____

_____

10. Como avalia o sistema público de saúde da cidade de Rio Claro?

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo ( ) Não soube avaliar ( )

11. E do bairro em que mora?

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo ( ) Não soube avaliar ( )

11. Como avalia o sistema educacional do bairro em que mora?

Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo ( ) Não soube avaliar ( )

13. Local de nascimento:

_____

Zona rural ( ) Zona urbana ( )

14. Aspectos da vida no local de origem:

- **Luz elétrica:** Sim ( ) Não ( )
- **Água potável:** Sim ( ) Não ( )
- **Escola:** Sim ( ) Não ( )
- **Transporte:** Sim ( ) Não ( )

15. Tinha acesso a qual tipo de veículo de comunicação?

Rádio ( ) TV ( ) Jornal ( ) outros ( )

_____

16. O que fazia por lá? (Ocupação)

_____

_____

_____

_____

17. Por que você veio para Rio Claro?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

18. Como foi que chegou aqui?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

19. Migrou mais de uma vez?

20. Ano da primeira migração:_____ Quantos anos tinha? _____ Outras migrações (ano)

_____

_____ Quantos anos? _____

20. Migrou sozinho? Sim ( ) Não ( ) Com quem?

_____

21. Morou em outras cidades antes de Rio Claro? Quais?

_____

_____

_____

22. Possui família na cidade? Sim ( ) Não ( ) E no bairro? Sim ( ) Não ( )

_____

23. Há quantos anos mora no bairro?_____

24. Por que veio para o bairro?

_____

_____

_____

_____

_____

25. Possui casa própria? Sim ( ) Não ( )

26. Você acha que sua vida melhorou depois da migração? Por que?

_____

_____

_____

_____

_____

27. Visita sua terra de origem quando possível?

_____

_____

_____

_____

28. Tem vontade de voltar para lá?

Aluna: Luiza Teixeira Bussius

Orientadora: Profª.Drª. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

---

Rio Claro, SP

2011